

Jeremias Gotthelf, um épico do mundo camponês

Marcus V. Mazzari

“Gotthelf, homem prático, vigoroso, que não retrocedia diante de nenhuma realidade, segundo a melhor tradição dos pastores de alma” (Erich Auerbach, *Mimesis*, capítulo “Germinie Lacerteux”).

A

vasta e multifacetada obra de Jeremias Gotthelf, pseudônimo literário do pastor suíço Albert Bitzius (1797-1854), não registra nenhuma autobiografia, mas depoimentos sobre a própria vida se encontram com frequência em suas cartas. Foi justamente a lacuna de uma efetiva autobiografia que propiciou o surgimento em 2022 do surpreendente relato, narrado em primeira pessoa, *História de vida do escritor Jeremias Gotthelf*.

A publicação, recheada de belas ilustrações, não se deve à mediação de algum

MARCUS V. MAZZARI é professor de Teoria Literária da Universidade de São Paulo, tradutor e autor de, entre outros, *A dupla noite das tíliais*. *História e natureza no Fausto de Goethe* (Editora 34).

médium espírita ou xamã, mas antes é lavra de um profundo conhecedor da obra e da vida do pastor Bitzius, que aos 40 anos adotou o nome do eu-narrador de seu romance de estreia, *O espelho-camponês ou História de vida de Jeremias Gotthelf, descrita por ele mesmo*. Werner Eichenberger chama-se o *ghostwriter* dessa autobiografia, primorosa não apenas em virtude do esforço em oferecer ao leitor (e visando particularmente ao público mais jovem) um panorama condensado das inúmeras facetas da produção gotthelfiana, mas também pela forte empatia com essa existência que em seu último quarto de século transcorreu inteiramente na região suíça do vale do Rio Emme (Emmental), tendo legado à posteridade – a despeito de uma estreia relativamente tardia na vida literária e de ter falecido aos 57 anos – 13 romances, cerca de 50 narrativas (entre as quais obras-primas como *A aranha negra* – marco na tradição novelística mundial – ou ainda *Kurt von Koppingen* e *Elsi, a estranha criada*), assim como histórias de calendários, panfletos, relatórios e memorandos sobre questões sociais,

artigos jornalísticos, centenas de cartas e extraordinários sermões¹.

Infância e parte da adolescência são vividas na pequena comuna de Murten (cantão de Friburgo), onde o menino Albert nasceu, e a partir de 1804 na aldeia de Utzenstorf, para onde seu pai Sigmund Bitzius-Kohler foi designado como pastor². Ginásio e, na sequência, a academia (línguas antigas, matemática e filosofia) são cursados em Berna, mesma cidade em que, na sequência, o jovem se matricula na Faculdade de Teologia, com o objetivo de exercer a profissão paterna. À formatura e a um período de vicariato (estágio preparatório para o exercício das funções pastorais) na paróquia de seu pai, em Utzenstorf, seguem-se estudos complementares ao longo de um ano (entre 1821 e 1822) na Universidade de Göttingen, na Alemanha, país pelo qual o jovem teólogo empreende extensas viagens durante as férias de verão. Estas são algumas das estações que a recém-publicada “autobiografia” de Jeremias Gotthelf

1 Em 2012 teve início a publicação, coordenada pela Fundação Jeremias Gotthelf e pela Universidade de Berna (Forschungsstelle Jeremias Gotthelf), da Edição Histórico-Crítica desse autor. Com término previsto para 2047, a edição está projetada para 67 volumes, que se dividem em sete grandes seções: “Romances”, “Narrativas”, “Imagens e lendas da Suíça”, “Histórias de calendário” (*Neuer Berner-Kalender*), “Sermões”, “Textos jornalísticos” (*Publizistik*) e “Correspondência”. A Fundação Jeremias Gotthelf contemplou generosamente a biblioteca da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo com a doação completa (estendendo-se, portanto, até 2047) dos volumes, primorosamente editados pela Georg Olms Verlag, dessa edição (*Historisch-kritische Gesamtausgabe*).

2 “Meus primeiros anos em Murten e Utzenstorf” intitula-se o capítulo que abre a autobiografia fictícia: “Nasci no dia quatro de outubro de 1797 em Murten, cidade em que meu pai era pastor protestante. [...] Frequentei a escola municipal de Murten, onde se registrou em meu boletim escolar plena satisfação com minha cabeça, mas não com os meus pés... É que eu não consegui mantê-los quietos. Portanto, eu não era parvo, mas desde pequerrucho movido pela inquietação. A vida na cidade às margens do Lago Murten me agradava muitíssimo. E também historicamente Murten é muito interessante. Pouco depois de meu nascimento, o exército napoleônico invadiu e conquistou a Suíça. Napoleão deu à Confederação uma nova ordem, a helvética, e em consequência Murten foi integrada ao cantão católico de Friburgo. Uma vez, porém, que meu pai, como pastor luterano, não queria permanecer no cantão católico, ele solicitou transferência para o cantão de Berna, a qual foi deferida em 1805. Assim nos mudamos para Utzenstorf” (Eichenberger, 2022, p. 6).

recapitula na trajetória desse autor que somente aos 33 anos chega à pequena cidade de Lützelflüh, na qual fincará raízes para o resto da vida, atuando de início como ajudante do pastor local, o então nonagenário Fasnacht, e dois anos mais tarde assumindo sua sucessão, o que lhe proporciona recursos materiais para desposar Henriette Zender (neta de Fasnacht) e fundar uma família que se ampliará nos anos subsequentes, com o nascimento de duas meninas, Henriette e Cécile, e do menino Albert.

É claro que a ficção autobiográfica não deixa de focar também o nascimento simbólico do escritor Jeremias Gotthelf, após a publicação em 1837 do *Espelho-camponês*, ao qual se seguem 12 outros romances, sendo que vários deles têm sua gênese comentada pelo autor redivivo dessa *História de vida*. Os últimos anos da vida extraordinariamente intensa e produtiva do pastor e artista épico são marcados por diversos problemas de saúde, mas seria importante assinalar que, no tocante à experiência do trespasse, o autobiógrafo do além não segue os passos de um Brás Cubas, por exemplo, para quem a “campanha” se converteu num “outro berço” e que assim narra ao leitor – num lance de originalidade, pois a narração acontece logo no primeiro capítulo de suas memórias póstumas – as circunstâncias da travessia pela “curta ponte” que nos separa do outro mundo: “Moisés, que também contou a sua morte, não a pôs no introito, mas no cabo; diferença radical entre este livro e o Pentateuco”.

Ao contrário do que acontece com Moisés e nosso Brás Cubas, que contam suas despedidas da vida “aquém-túmulo”

no início e no fim das histórias, a morte de Gotthelf, em 22 de outubro de 1854, não é reconstituída pelo próprio finado autor, mas sim pelo verdadeiro, em seguida a um breve comentário: “A partir de agora o *ghostwriter*, que conduziu a pena de Gotthelf até aqui, continua a escrever em seu próprio nome...” (Eichenberger, 2022, p. 78).

De todo modo, essas palavras desempenham tão somente a função de encaminhar a conclusão da autobiografia “apócrifa”, mas que, por ter sido “falsificada” com profundo conhecimento de causa, apresenta-nos em detalhes os vários perfis de um escritor considerado, ao lado de Gottfried Keller (1819-1890), o grande clássico da literatura suíça, e que, além disso, avulta como nome de relevo no conjunto da literatura em língua alemã.

Thomas Mann, Hermann Hesse, Walter Benjamin, o próprio Gottfried Keller alinham-se entre os admiradores desse narrador contemplado não poucas vezes com o adjetivo “homérico”. Thomas Mann emprega-o ao expressar, no relato “A gênese do *Doutor Fausto*” (1949), sua admiração pela *Aranha negra* e pelo romance *Uli, o servo*, que a seu ver “tantas vezes toca o homérico”. Entre nós, Otto Maria Carpeaux não se esquivou de tal atribuição, como ilustram as explanações dedicadas a Gotthelf: “Gotthelf é um escritor primitivo; e só uma comparação pode estar certa, uma comparação muito grande: com Homero”. E na sequência o crítico austro-brasileiro busca fundamentar a ousada afirmação: “A obra do suíço é uma enciclopédia da vida rural, assim como Homero fora a enciclopédia dos gregos: Gotthelf é capaz da elevação

mais sublime e do naturalismo mais grosseiro; é o escritor mais primitivo, talvez o escritor mais vigoroso em língua alemã”³.

Tal “enciclopédia” do mundo de vida dos camponeses suíços foi construída, sobretudo, pelos romances, embora o próprio Gotthelf – não deixa de ser relevante fazer essa observação – não tenha empregado, ele próprio, as designações “romance”, “conto” ou “novela”, que pelo visto não interessavam ao seu gênio artístico. Seja como for, entre as narrativas subsumidas pela crítica ao gênero “romance”, os dois títulos mais famosos – *Uli, o servo* (1846) e *Uli, o arrendatário* (1849) – poderiam ser considerados como *Bildungsromane* (romances de formação) para camponeses⁴. Uma característica típica das narrativas que contam a história da “formação” (*Bildung*, palavra tão significativa na língua alemã) de Uli – mas também de algumas outras, como *A fábrica de queijos em Vehfreude* (*Die Käseerei in der Vehfreude*, 1850) – decorre do esforço do narrador em semear profusamente o enredo com conselhos destinados à futura colheita de seus leitores, que de modo mais direto e imediato eram os próprios camponeses. Trata-se em primeiro lugar, conforme

apontou Walter Benjamin no ensaio “O narrador”, de conselhos “práticos”, relativos ao mundo da agricultura, à criação de animais, construção de estábulos e a diferentes aspectos da pecuária leiteira. Todavia, no mundo épico gotthelfiano não faltam também os conselhos de ordem por assim dizer espiritual – conselhos morais e, sobretudo, religiosos, sutilmente “contrabandeados” para o interior da fábula romanesca. Estamos, afinal, diante de um dos mais profundos conhecedores da *Bíblia* e de toda a literatura mundial; mas nos encontramos igualmente perante um narrador que evita impingir a seus leitores ensinamentos religiosos de maneira meramente doutrinária, de acordo com a argumentação de Albrecht Schöne num magistral estudo que enfoca *A aranha negra* – com suas duas histórias marcadas pelo “evento inaudito” que Goethe exigia de toda autêntica novela (Eckermann, 2016, p. 224) – ao lado de obras (nos gêneros lírico, épico e dramático) de quatro outros “filhos de pastores” (*Pfarrersöhne*, na expressão do crítico), cuja literatura realiza o princípio da “secularização como força constitutiva da linguagem”: Andreas Gryphius (1616-1664), Jakob M. R. Lenz (1751-1792), Gottfried August Bürger (1747-1794) e Gottfried Benn (1886-1956). No final do capítulo (“Remissão didática”) que dedica a Gotthelf em seu estudo *Secularização como força constitutiva da linguagem*, o crítico observa: “O processo de secularização é mais forte do que todas as forças das intenções missionário-didáticas que o colocaram em movimento” (Schöne, 1958, p. 180)⁵.

3 Essas considerações são desenvolvidas no volume IV da *História da literatura ocidental* (Carpeaux, 1962, pp. 1983-5). Na seção que dedica ao autor suíço em obra posterior, *A literatura alemã* (1964), Carpeaux comenta inicialmente o pseudônimo escolhido pelo pastor Bitzius, “porque lamentava, como Jeremias, os pecados e os vícios da época [...] e porque só de Deus esperava ajuda (*Gotthelf* significa ‘ajuda de Deus’)”. Também aqui o crítico austro-brasileiro ressalta a “arte verdadeiramente homérica” de Gotthelf e arrisca ainda uma nova comparação: “Gotthelf é o Balzac da vida rural na Suíça” (Carpeaux, 1964, pp. 143-5).

4 Célebres, na Suíça, são as versões cinematográficas (1954 e 1955) desses *Bildungsromane* protagonizados pelo camponês Uli. A direção é de Franz Schnyder (1910-1993), que também filmou três outros romances de Gotthelf: *A fábrica de queijos em Vehfreud* (1958), *Anne Bäbi Jowäger* (1960) e *Dinheiro e espírito* (1964).

5 Teci alguns comentários sobre o estudo de Schöne no Posfácio “Metamorfoses do pacto demoníaco: erotismo e formas épicas na novela *A aranha negra*, de Gotthelf” (Gotthelf, 2020, pp. 129-59).

De modo geral, pode-se afirmar que a prevalência da autonomia estética sobre o mero didatismo, sobre eventuais intenções explicitamente doutrinárias, vigora em todos os romances, novelas e contos de Gotthelf. E assim também na primeira obra em que a autoria é atribuída a esse pseudônimo: *Sofrimentos e alegrias de um mestre-escola*, romance que nasceu de seu vigoroso engajamento em questões pedagógicas, da luta por melhores condições materiais no ensino fundamental do cantão de Berna, principalmente no que dizia respeito à remuneração, bastante precária na época, dos mestres-escolas.

Ao longo de dez anos, Albert Bitzius exerceu com extrema dedicação o cargo de “inspetor escolar” (*Schulkommissär*), encarregado da supervisão de 19 instituições de ensino. Admirador de Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827) – um dos astros mais brilhantes na constelação dos grandes pedagogos da humanidade, ao lado de Rousseau, Philipp E. von Fellenberg (1771-1844), cujo modelo educacional subjaz à concepção goethiana da “Província pedagógica”⁶, e outros importantes nomes, incluindo-se Paulo Freire no século XX –, o pastor se lança à redação do romance pedagógico *Sofrimentos e alegrias de um mestre-escola* seguindo as pegadas de seu conterrâneo Pestalozzi, “Educador da humanidade em Yferten”, que buscou ampliar seu engajamento pedagógico para o campo literário, publicando entre

1781 e 1787 os quatro volumes do romance *Lienhard e Gertrud: um livro para o povo*⁷.

Não surpreende que, na *História de vida de Jeremias Gotthelf*, a militância educacional constitua capítulo de importância crucial, sendo reconstituída de maneira exemplar pelo *ghostwriter* Eichenberger, por exemplo, ao conduzir a fictícia pena gotthelfiana para o terreno do que hoje é conhecido como “analfabetismo funcional”: “Tive assim de constatar que, no inverno, somente a metade das crianças em meu distrito frequentava a escola, e que nem sequer três quartos das crianças conseguiam ler, apenas cerca de quatro por cento entendiam o que era lido e que de cada duas crianças, uma não sabia fazer contas” (Eichenberger, 2022, p. 25).

Ao lado do decidido combate às várias formas de analfabetismo e, em consequência, da veemente defesa da “formação” da população mais pobre, especialmente das crianças, Gotthelf se empenhou com toda energia na luta contra o alcoolismo, que via como devastador flagelo na vida dos camponeses de Berna, contra a exploração do trabalho infantil e outras mazelas relacionadas ao pauperismo. A narrativa “De como cinco meninas perecem miseravelmente no álcool” (1838), assim como o próprio romance *O espelho-camponês*, que nos capítulos iniciais narra a brutal exploração do “menino de contrato” Jeremias Gotthelf (*Verdingkinder*, “crianças de contrato”, era a expressão que designava na Suíça, Alemanha e

6 Para Walter Benjamin (2009a, p. 145), Goethe teria avançado ao máximo na realidade histórica de seu tempo justamente no campo educacional, em especial na configuração da “Província pedagógica”, no romance de velhice *Os anos de peregrinação de Wilhelm Meister*.

7 Gotthelf teve a felicidade de conhecer pessoalmente o grande educador em 1826. As palavras “Educador da humanidade em Yferten” figuram no túmulo de Pestalozzi na pequena cidade de Brugg, cantão da Argóvia. Com elas Walter Benjamin (2009b) abre seu ensaio sobre o pedagogo suíço: “Educador da humanidade em Yferten’ – assim está escrito sobre o túmulo de Pestalozzi com a bela e clara exposição dos períodos de sua vida”.

Áustria o emprego da força de trabalho infantil), ilustram o engajamento social na produção literária desse pastor de Lützelflüh que em 1840 redige o memorando (*Denkschrift*) “A indigência”, buscando elucidar e denunciar as raízes de um fenômeno que constrangia então centenas de milhares de suíços a emigrar para os Estados Unidos, Rússia e outros países, incluindo-se o Brasil. É bastante significativo que já no Prefácio ao romance de estreia a tendência engajada do narrador se exprima com toda nitidez: “Meu espelho não lhes mostrará o lado ensolarado de suas vidas, mas o lado ensombrecido mostrará, portanto, o que normalmente não se vê, não se quer ver”.

A diversidade de temas abordados por Bitzius-Gotthelf em sua obra literária, sermonística, política e jornalística é demasiado ampla e multifacetada para, nos limites deste texto, ser tratada de maneira aprofundada. Vale assinalar que, embora comumente concebido como “conservador”, esse suíço abraçou causas vistas hoje como inteiramente “progressistas”, conforme ilustra sua atuação em prol do ensino público, da erradicação da pobreza extrema, ou ainda no que diz respeito à sua intransigente defesa do tratamento científico de doenças e epidemias, como por ocasião de surtos de tifo e shigelose (inflamação do intestino) que em 1839 e 1840 custaram a vida de muitas crianças na região do Emmental.

Esse é também o assunto do romance sobre a camponesa Anne Bäbi Jowäger, que vem a lume em 1844⁸. A redação

dessa obra, para a qual Gotthelf realizou extensas pesquisas medicinais e epidemiológicas, remonta a um pedido da Comissão Sanitária de Berna, que se empenhava em enfrentar superstições e preconceitos relacionados a uma epidemia de varíola que na época assolava regiões desse cantão. Já havia então uma vacina bastante eficaz contra a doença, mas considerável parte da população preferia recorrer a remédios e poções sem eficácia preparadas por charlatões e curandeiros (*Kurpfuscher*, conforme escreve o romancista). Vítima dessa ignorância é também a camponesa Anne Bäbi Jowäger, não só uma fanática inimiga da vacina, mas também ativa disseminadora do que se conhece hoje por *fake news*. Com tal postura obscurantista ela se torna diretamente responsável pelos danos irreversíveis que a varíola causa a seu filho Jakobli (perda da visão e cicatrizes no rosto) e depois, tendo perseverado na militância antivacina, pela morte de seu adorado neto Köbeli. No outro polo do enredo romanesco atuam dois incansáveis defensores da vacina, os quais buscam por todos os meios esclarecer e conscientizar a população: o pastor e seu sobrinho Ruedi, um médico que salva muitas vidas, inclusive a da própria camponesa Anne após tentativa de suicídio, mas que, em meio ao mais abnegado empenho no combate à epidemia, acaba por sucumbir à varíola.

Um outro aspecto que pode ser ressaltado na obra épica de Gotthelf para matizar a imagem de ferrenho partidário do “conservadorismo” transparece já no título de um romance publicado em 1844, *Dinheiro e espírito*, o qual teria inspirado Tolstói na redação da

8 No original, o longo título diz *Wie Anne Bäbi Jowäger haushaltet und wie es ihm mit dem Doktern geht* (Como Anne Bäbi Jowäger administra sua casa e o que lhe sucede com o doutor). No peculiar alemão suíço, Gotthelf atribui a uma mulher (a camponesa Anne) não o pronome feminino *sie* (*ihr*, no caso dativo), mas sim o neutro *es* (*ihm*, no dativo).

novela *Polikuska*⁹. Esse aspecto diz respeito à crescente força que, aos olhos de Gotthelf, o “dinheiro”, a monetarização das relações humanas, ia assumindo na sociedade suíça, destruindo valores ancestrais, que estavam enraizados na ideia de (palavra que figura no título do romance) “espírito” comunitário.

Vale lembrar que na novela *A aranha negra*, o avô-narrador – figura exemplar da tradição oral enfocada por Walter Benjamin no mencionado ensaio “O narrador”¹⁰ – levanta de forma tão sutil quão vigorosa advertências em relação a tendências materialistas, e mesmo plutocráticas, que tanto preocupavam o pastor. Por exemplo, quando o experiente narrador, sólida e profundamente enraizado nas tradições do Emmental, comenta a disposição dos camponeses a entregar um recém-nascido ao diabo, com o qual fizeram, através de Cristina, um pacto: “Todavia, na alma ensombrecida, mais de um terá pensado, como de fato se revelou mais tarde: não vale a pena colocar em jogo tanto dinheiro e tanto esforço por causa de uma criança não batizada” (Gotthelf, 2020, p. 60). Ou ainda, entre outras possíveis passagens, a referência a um “padre de longe” que, chamado pelo tirânico comendador Hans von Stoffeln e seus cavaleiros teutônicos para pactuar com a opressão dos camponeses, chega ao Emmental deixando-se “seduzir por dinheiro e promessas” (Gotthelf, 2020, p. 93).

9 No original, o título *Geld und Geist* gera um efeito paronomástico que se perde na tradução. A influência desse romance sobre a novela de Tolstói foi apontada por Boris Eikhenbaum (apud *Kindlers neues Literaturlexikon*, 1988, vol. 16, p. 670).

10 No Posfácio “Metamorfoses do pacto demoníaco”, mencionado na nota 5, enfoquei as duas histórias sobre a aranha negra, contadas pelo avô durante as festividades do batizado, à luz da arte narrativa oral delineada por Walter Benjamin em seu ensaio.

A denúncia de tendências econômicas que, na visão gotthelfiana, desempenhavam então papel desagregador na sociedade suíça intensifica-se com um novo romance, publicado em 1852, cujo título *Espírito do tempo e espírito de Berna* contrapõe mais uma vez, como sete anos antes em *Dinheiro e espírito*, valores comunitários tradicionais e a pressão exercida pelo poder econômico – justamente o novo “espírito do tempo” (*Zeitgeist*) que o crítico suíço Walter Muschg (1898-1965), nome de destaque na filologia sobre a obra gotthelfiana, caracteriza como “forma moderna do pactuar com o demônio”¹¹.

É verdade que a mentalidade pedagógico-parenética desse pastor do Emmental confere às suas narrativas enredos relativamente simples, marcados por embates cujo desfecho quase sempre vai ao encontro do senso de justiça do autor. Nessa perspectiva, seus romances, colocados por vezes sob a rubrica “literatura de tendência”, não poderiam ser compreendidos à luz da famosa definição que Georg Lukács, em seu *Teoria do romance*, propôs desse gênero que se afirmou historicamente com a ascensão da classe burguesa, ou seja, enquanto “expressão do desabrigo transcendental” do ser humano¹². Muitas das personagens desse mundo

11 Muschg faz essa observação em meio a considerações sobre o significado simbólico da “aranha negra”, encarnação consumada de tudo o que Gotthelf concebia como “mal”: “Em *Dinheiro e espírito*, em que esse mal irrompe como um demônio, é a brutalidade, o egoísmo, o ateísmo insensível. Em *Anne Bäbi*, é a superstição, o despotismo dos tacanhos. Nas obras políticas, é o espírito do tempo, essa forma moderna do pactuar com o demônio”. “Einleitung des Herausgebers”, in *Die schwarze Spinne. Elsi, die seltsame Magd. Kurt von Koppigen*. Zúrique, Diogenes, 1978, citação à p. X.

12 No original, Lukács define o gênero romanesco (início da segunda seção: “O problema da filosofia histórica das formas”) como *Ausdruck der transzendentalen Obdachlosigkeit*.

épico – como o próprio Jeremias Gotthelf do *Espelho-camponês*, ou Uli, herói de seus dois “romances de formação para camponeses” – acabam por enraizar-se firmemente, após superarem forças corruptoras de valores autênticos, em seu meio social, subtraindo-se assim tanto ao “desabrigo transcendental” de que fala Lukács como também à “carência” ou ao “insuficiente” que, conforme formulou Walter Benjamin no “Narrador”, em alusão à estrofe que encerra o *Fausto* de Goethe, faz-se “acontecimento” no gênero romanesco¹³.

Embora apresentando uma imagem relativamente simples das relações humanas e sociais, se pensarmos numa comparação com, por exemplo, a *Comédie humaine* de seu contemporâneo Honoré de Balzac, as narrativas de Gotthelf são imantadas por tão extraordinária força épica, por um sopro de poesia tão envolvente, que de fato não surpreende que tenham suscitado em seus admiradores, de maneira recorrente, a lembrança de Homero. Também o zuriquense Gottfried Keller, que escreveu cinco ensaios sobre seu conterrâneo falecido em 1854, não contornou tal analogia e, a despeito de situar-se ideologicamente no polo oposto ao ocupado pelo pastor do Emmental, enalteceu com profundo respeito e admira-

ção a arte narrativa do autor de *Aranha negra* – “sem nenhuma exceção”, segundo o ensaísta, “o maior talento épico” de toda a literatura suíça¹⁴.

Para o “clássico da democracia” Gottfried Keller (outra expressão de Georg Lukács¹⁵), a fruição como leitor das histórias gotthelfianas equivale à experiência de caminhar “por toda parte sob um sol vivo, pelas verdes e magníficas alturas das montanhas e pelas sombras de belos vales [...] e mesmo onde ele faz do próprio evento natural o tema de sua poesia épica, como em *Inundação no Emmental*, o evento se torna uma pessoa viva e, em seu poderoso rugido, uma pessoa com as mesmas paixões das personagens sobre as quais ele explode”.

A procedência dessa sutil observação de Keller pode ser verificada também à luz da narração, na *Aranha negra*, das tempestades que desabam sobre os camponeses após o pacto ter sido selado por Cristina (Gotthelf, 2020, pp. 56-7), ou nos momentos em que o diabo exige o cumprimento da cláusula acordada, isto é, a entrega de um recém-nascido não batizado (Gotthelf, 2020, pp.

13 Na quinta seção do ensaio, Benjamin observa que “escrever um romance significa, na representação da vida humana, levar o incomensurável ao limite”. Poucas linhas adiante vem a observação, formulada numa sintaxe bastante intrincada, de que o “insuficiente” se torna “acontecimento” não apenas no romance de um modo geral, mas também no próprio “romance de formação”. Procurei esmiuçar a sintaxe e os pressupostos teóricos dessa visão benjaminiana sobre o romance (dificilmente válida para a obra romanesca de Gotthelf) no segundo capítulo do volume *Labirintos da aprendizagem* (Mazzari, 2022), em particular entre as páginas 151 e 154.

14 Keller redigiu esses ensaios entre 1849 e 1855, publicando-os em suplementos literários da enciclopédia *Brockhaus*. Após ter focado os dois romances protagonizados por Uli, também *A fábrica de queijos em Vehfreude* e ainda *Espírito do tempo e espírito de Berna*, Keller recebeu a notícia da morte de Gotthelf em meio à redação de novo ensaio sobre o romance *Vivências de um camponês endividado* (1854). Após a conclusão desse quarto texto, ele redige uma apreciação geral da produção narrativa de seu colega e conterrâneo recém-falecido. Em 1956 o importante crítico Hans Mayer (1907-2001) recolheu esses cinco ensaios na coletânea *Meisterwerke deutscher Literaturkritik* (Obras-primas da crítica literária alemã).

15 Esse epíteto é usado pelo crítico húngaro no ensaio “Gottfried Keller”, que em sete capítulos aborda diversas facetas da obra do escritor suíço. O ensaio foi redigido em 1939 e consta do volume VII das obras de Lukács (1964).

83-5). Mesmo nessas passagens não estamos, na visão do ensaísta de Zurique, distantes da arte homérica, pois também aqui “a profunda e magnífica simplicidade de Gotthelf” nos faz sentir, como em nenhum outro escritor contemporâneo, “a autoridade da fértil antiguidade da poesia e dos poetas de outros milênios”¹⁶. O democrata radical Keller (que em Heidelberg foi aluno de Ludwig Feuerbach, a quem levanta um monumento no romance de formação *Henrique, o Verde*) tem plena consciência de que a dimensão homérica da obra épica enfocada nesses ensaios tem a ver diretamente com uma visão de mundo religiosa (da qual ele não partilha), mas o caminho pelo qual o poeta-pastor teria atingido seus objetivos “é tão belo e rico que trilhá-lo se torna um grande prazer para todos nós”.

Ainda que de maneira sumária, Werner Eichenberger não deixa de se referir ao tributo que o “grande poeta de Zurique” prestou à obra de seu colega em Lützelflüh. Nesse momento, porém, o *ghostwriter* da *História de vida do escritor Jeremias Gotthelf* está falando em seu próprio nome, não mais encenando o “eu” da narrativa autobiográfica empenhada em ressaltar não só a grandiosidade, mas também a atualidade de uma obra épica tão admiravelmente ampla e multifacetada. Essa atualidade desponta com toda clareza no capítulo dedicado aos artigos publicados no *Berner Volksfreund*

(Amigo do povo bernense), um dos primeiros jornais fundados na Suíça. Expressivo exemplo dessa atualidade são as advertências ecológicas aos camponeses no sentido de evitar desmatamentos que poderiam no futuro acarretar cataclismos como aquele de agosto de 1837, narrado no impressionante relato, tão admirado por Gottfried Keller, *A inundação no Emmental*. “Onde, por outro lado” – na formulação de trechos citados por Eichenberger – “a floresta é preservada, as árvores atuam como proteção, a terra absorve as massas d’água, musgos e arbustos detêm a impetuosidade da torrente e dificultam o curso das águas [...], e as águas chegam então ao vale já largamente domadas” (Eichenberger, 2022, p. 36).

Advertências ecológicas (feitas há quase dois séculos!) da mais candente atualidade; engajamento em campanhas sanitárias e de vacinação, como por ocasião da epidemia de varíola retratada no romance de 1844 sobre a camponesa Anne Jowäger; combate vigoroso a mazelas sociais derivadas do pauperismo: eis alguns dos elementos que contribuem para nuançar e redimensionar a imagem de um Gotthelf maciçamente “conservador”, concebido o termo no sentido de reacionarismo e apego a valores obsoletos. Valeria lembrar nesse contexto que também Goethe fora contemplado com a mesma acusação de ferrenho defensor do *status quo* e, numa conversa registrada por Johann P. Eckermann com a data de 4 de janeiro de 1824, o poeta fez sobre isso um eloquente desabafo:

“Se a ordem estabelecida fosse toda ela excelente, boa e justa, eu não me oporia a ser chamado assim [como defensor da ordem vigente]. Mas, uma vez que ao lado de muita coisa boa há também muita coisa

16 Também na direção do paralelo com Homero aponta a constatação kelleriana de que outro mérito de Gotthelf consistiria na capacidade de “sempre esgotar seu material e saber coroá-lo ora com uma terna e íntima satisfação, ora com vigoroso contentamento, os quais nascem de profundezas tão primordiais e inspiradoras que parecem borbulhar da mesma fonte de que brota borbulhante a cena de reconhecimento entre Odisseu e Penélope”.

ruim, injusta e imperfeita, ser chamado de amigo da ordem estabelecida frequentemente não significa outra coisa senão ser chamado de amigo do que é ultrapassado e ruim. O tempo, porém, avança incessantemente, e os assuntos humanos tomam uma nova forma a cada cinquenta anos, de modo que uma instituição que no ano de 1800 era uma perfeição talvez venha a ser já no ano 1850 uma deformidade” (Eckermann, 2016, p. 522).

Lançando luz esclarecedora sobre o conceito de “conservadorismo”, essas palavras desdobram sua plena validade também em relação ao grande poeta épico do Emmental,

esse Jeremias Gotthelf que durante toda a vida lutou para preservar (e somente nesse sentido ele pode ser considerado “conservador”) o que julgava “bom” (antigas tradições comunitárias, florestas e a natureza de um modo geral) e combater coisas ruins, injustas e precárias. É a esse “conservador” que Gottfried Keller – autor do romance *Henrique, o Verde*, assim como da “imperecível” novela *Romeu e Julieta na aldeia*¹⁷ – homenageou como o maior “escritor popular” da Suíça: mas Gotthelf só pôde ser um grandioso escritor popular, acrescenta Keller, porque foi acima de tudo um grandioso poeta, “produtivo desde seu íntimo mais profundo”.

17 O adjetivo “imperecível” (*unvergänglich*) é empregado por Walter Benjamin (1991, p. 287) em seu ensaio “Gottfried Keller”.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, W. "Goethe". *Ensaio reunidos: escritos sobre Goethe*. Trad. Irene Aron, Sidney Camargo e Mônica Bornebusch. São Paulo, Duas Cidades/Editora 34, 2009a.
- BENJAMIN, W. "Gottfried Keller", in R. Tiedemann; H. Schweppenhäuser (orgs.). *Gesammelte Schriften II-I*. Frankfurt a. M. Suhrkamp, 1991.
- BENJAMIN, W. "Pestalozzi em Yverdon". *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. Tradução, apresentação e notas de M. V. Mazzari. São Paulo, Duas Cidades/Editora 34, 2009b, pp. 157-61.
- CARPEAUX, O. M. *A literatura alemã*. São Paulo, Cultrix, 1964.
- CARPEAUX, O. M. *História da literatura ocidental*. Rio de Janeiro, Edições O Cruzeiro, 1962.
- ECKERMANN, J. P. *Conversações com Goethe nos últimos anos de sua vida - 1823-1832*. Tradução e notas de M. L. Frungillo. São Paulo, Editora Unesp, 2016.
- EICHENBERGER, W. *Der Schreiber von Lützelflüh. Die Lebensgeschichte des Schriftstellers Jeremias Gotthelf (1797-1854)*. Eine Publikation des Gotthelf Zentrums Lützelflüh, 2022.
- GOTTHELF, J. *A aranha negra*. Tradução, notas e posfácio de M. V. Mazzari. São Paulo, Editora 34, 2020.
- LUKÁCS, G. "Gottfried Keller". *Deutsche Literatur in zwei Jahrhunderten*. Berlin/Neuwied, Luchterhand, 1964, pp. 334-419.
- MAZZARI, M. V. *Labirintos da aprendizagem: pacto fáustico, romance de formação e outros temas de literatura comparada*. São Paulo, Editora 34, 2022.
- SCHÖNE, A. "Didaktische Verweisung". *Säkularisation als sprachbildende Kraft*. Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 1958.